

CREPÚSCULO AO AMANHECER

Vivia praticamente sòzinho em seu reduto: uma casa cercada de árvores e trepadeiras de onde se podia ver o mar. Estava muito velho, e os seus cabelos brancos iam ficando escassos. A completa solidão, era quebrada apenas pela presença da velha criada que há muito tempo o servia. Raramente algum dos pouquíssimos amigos o visitava, e êle, quando não escrevia ou cuidava do jardim, sentava-se na varanda e ficava muito compenetrado a contemplar o mar por horas e horas.

Nas manhãs ensolaradas, gostava de dar longos passeios pela praia. O mar sempre o fascinara. Quando era criança, costumava olhá-lo demoradamente (como o fazia ainda hoje) e perguntava-se intimamente o que haveria no outro lado. Resolvia que quando crescesse, seria marinheiro para ver tudo o que havia além daquela imensidão azul. Mas agora estava velho, nunca foi marinheiro e não chegou a ver o outro lado do mar.

Enquanto caminhava pela praia, ia apanhando uma ou outra pedra de formato curioso jogada na areia pelas ondas, e que utilizava para prender papéis. Em cima da sua mesa de trabalho, entre livros e fôlhas de papel, havia sempre duas ou três pedras apanhadas na praia.

O velho poeta, há muito planejava escrever um longo poema. Mas não tinha pressa. Êle nunca tinha pressa de escrever os seus poemas, sabia que no momento exato, êles brotariam naturalmente, sem esforço algum e êle os escreveria de uma assentada. A idéia surgia como uma luz que se acende. Êle passava então a amadurecê-la mentalmente por dias e dias e quando apareciam no papel, os poemas já estavam escritos no cérebro. O seu nôvo poema surgia pouco a pouco. A luz havia-se acendido num daquêles longos passeios pela praia, e então, o embrião começou a tomar forma, a crescer, esperando o exato momento de se mostrar.

O momento surgiu numa noite de insônia, quando sòmen-

te o bramido suave e longínquo do mar quebrava o silêncio noturno. O poeta sentou-se à sua mesa de trabalho entulhada de livros e papéis e começou a escrever. O fruto estava maduro, era preciso colhê-lo. Ao longo da noite, o poema surgia nas folhas de papel que se sucediam uma a uma e se misturavam com as que já estava sobre a mesa. O amanhecer ainda encontrou o velho poeta a trabalhar. Tinha ânsias de terminar o poema de um só fôlego, mas sentia-se cansado e a extensão da tarefa tornava impossível o seu desejo. Juntou as folhas de papel, guardou-as na gavêta e deitou-se.

Depois de algumas horas de sono, o poeta, sentado no jardim, olhava o mar. As ondas muito azuis, coroadas de espuma, desmanchavam-se na areia, que o sol forte fazia resplandecer. Tinha vontade de andar um pouco pela praia, mas um ligeiro cansaço impedia-o de caminhar. O piar das gaivotas e o ruído distante das ondas, traziam-lhe alguma reminiscência indefinida, qualquer coisa que ele não conseguia distinguir claramente. Invadia-o uma grande paz, uma estranha sensação que não chegava a ser tristeza, mas uma suave melancolia.

O poeta retomou o trabalho depois de examinar o que fizera na noite anterior e fazer algumas correções. Dizia de si para si, que aquêle era um belo poema, o melhor que já havia escrito, e isso entusiasmava-o. Agarrava-se ao trabalho e não sentia correr o tempo. À noite, a velha empregada trazia-lhe o jantar, mas, não era hora de comer. Afastava a bandeja e continuava a trabalhar até à madrugada. Às vezes, o velho era vencido pelo sono e acabava adormecendo debruçado sobre a escrivaninha.

Há três semanas que o poeta trabalhava no poema ainda inacabado. Sentia uma premente necessidade de falar dêle a alguém. Mas jamais mostrava a quem quer que fôsse, um poema que não estivesse terminado. E quando ao fim de uma tarde de sol, um dos raros amigos o visitou e pediu-lhe que lhe mostrasse alguns dos seus últimos trabalhos, êle disse-lhe apenas evasivamente que escrevia um poema muito longo que ainda estava inacabado. Alguma coisa lhe dizia que seria o último, mas sabia que era o melhor que já escrevera. E sentiu-se com isso um pouco aliviado.

O poema chegava ao fim, mas alguma coisa não ia bem com o poeta. Sentia uma enorme fraqueza invadir-lhe o velho corpo, as forças diminuir-lhe lentamente de dia para dia.

Já não passeava pela praia. Ràpidamente, as suas forças desapareciam e, se fazia algum esforço maior, o corpo tremia-lhe muito. Estava muito magro e os olhos desapareciam-lhe afundados nas olheiras escuras. Temia não poder terminar o poema. Sentava-se à escrivaninha a trabalhar e quando parava de escrever, não conseguia sequer levantar-se. Era como se a vida lhe fugisse na tinta que corria da caneta para o papel.

Foi numa noite calma, quando a lua despejava a sua prata sobre o mar, que o poeta escreveu a última palavra do seu poema. Sentiu-se aliviado, como se houvesse tirado um enorme pêso de sobre os ombros. Releu as últimas folhas e prendeu-as com uma das pedras apanhadas na praia. Sentia-se muito fraco e leve, como se estivesse ôco por dentro. Levantou-se cambaleando com a intenção de ir para a varanda. Por duas vezes, teve que parar e encostar-se à parede para não cair.

Ao longe, sobre o mar, a lua projetava uma esteira de luz brandamente luminosa. As folhas das árvores e das trepadeiras, balançavam quase imperceptivelmente, sopradas por uma brisa muito leve.

O poeta sentou-se na varanda a contemplar com os olhos fatigados a noite que se derramava lá fora. A luz azulada e envolvente do luar, dava a tudo um toque de magia. O velho poeta lembrou-se de antigas estórias que ouvira contar quando era criança e esperou ver surgir ali, no seu jardim, uma fada ou algum duente diabólico. Sentia-se arrasado. O trabalho consumira-lhe as forças, mas estava satisfeito, porque conseguira terminar o seu melhor poema. Agora não importava o que acontecesse, mas aquêle cansaço haveria de passar.

A noite avançou até à madrugada, e a lua pouco a pouco desapareceu do céu. O poeta sentia-se tão leve que tinha a impressão de flutuar no espaço. Com gesto lento, passou as mãos pelo rosto tentando afastar as sombras que bailavam diante dos seus olhos. O mar sussurava muito calmo. O que haveria do outro lado? Era um belo poema... finalmente estava terminado! Tentou levantar-se, mas não conseguiu. Uma estra-

nha fôrça começou a arrastá-lo para baixo, e êle deixou-se afundar na cadeira. Alguma coisa tapava-lhe a garganta e dificultava-lhe a respiração. Seus olhos cobriam-se de névoas.

Ficou ali sentado durante algumas horas. Farrapos do passado vinham-lhe à memória. De vez em quando um arrepio percorria-lhe o corpo magro. A respiração difícil fazia-lhe doer o peito e as costas. Quando o clarão rubro da aurora surgiu sôbre o mar, o coração do velho começou a pulsar violentamente. Levou a mão ao peito, como se tentasse agarrar alguma coisa. — Aí vem o sol, murmurou. Sentia escapar-lhe o último fio de vida. Quis desabotoar a camisa, mas os braços caíram-lhe inertes ao longo do corpo. O dia começava a aparecer no ponto em que o mar se juntava ao céu. — Finalmente, está terminado, pensou. Os seus olhos fecharam-se, e a cabeça pendeu levemente para o lado.

FANTASMAS